

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 21

FORTALEZA, 15 DE DEZEMBRO DE 1887.

REDACÇÃO:

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO;
Lyricas.—ANTONIO SALLES;
Barões Assignalados.—PAULINO NOGUEIRA;
Historia natural.—RODOLPHO THEOPHILO;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer-viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

Pensamos desta maneira: em condições normaes só ha duas especies possiveis de suicidio—o suicidio do

homem sem religião e o suicidio do homem de bem que por condições excepcionaes se tornou criminoso.

Tal é theoria que vamos desenvolver

Convem, porem, desde logo acrescentar uma nota, e vem a ser que a palavra religião está aqui empregada em sua significação mais geral; quer dizer não uma forma especial de culto, porem o conjuncto de nossas convicções, a maneira especial porque cada um comprehende os seus destinos e as suas obrigações. Sendo assim, sustentamos sem a menor vacillação o principio estabelecido e acrescentamos: fora d'isto o suicidio será sempre o resultado de algum accidente pathologico do espirito.

Suicidio do homem sem religião.— Não ha muitos dias por occasião de uma longa e variada discussão a respeito do suicidio, tratando-se accidentalmente do Dr. José Facó, esse inditoso cearense a quem tão cedo a fatalidade roubou às glorias litterarias de nossa provincia, alguem lembrou-se de perguntar: qual foi a causa que levou esse infeliz moço ao suicidio?

—Eu sei, disse um outro, um bom homem de seus quarenta e oito annos de idade, temperamento fleumatico, respeitavel não somente por suas maneiras distinctas, mas, sobretudo por seu character; eu sei, repetiu; não é a primeira vez que tenho deplorado factos desta natureza. O Dr. Facó pertencia ao numero d'aquelles que se deixaram arrastar por esta peste da impiedade. Infeliz moço! Terminou como muitos outros que eu tenho conhecido: suicidou-se.

Foi destas proposições que me veio a idéa de escrever estas linhas.

Offerece-se ahi um vastissimo e complicado problema. Nesta provincia offerece alem do Dr. Facó o exemplo de Joaquim de Souza, o de Childerido Faria e outros.

Esse facto só nos pode inspirar compaixão e tristeza, mas a maneira porque se argumenta a respeito é esta: não é possivel ter um fim qualquer a realisar neste mundo desde que se deixa de lado a religião. A religião é a verdadeira riqueza d'alma. Sem religião a alma fica nadando no vacuo. D'ahi a falta de um ponto de apoio, d'ahi o des-

equilibrio e a morte.

Analysemos os factos.

Os exemplos repetidos constituem lei. Dar-se-á realmente o caso de que a falta de religião dê em resultado a tendencia para o suicidio? Os mais tolerantes, considerando uma coisa como consequencia da outra, attribuem o suicidio do atheu ao vacuo deixado no espirito pela ausencia de religião. Outros vão mais longe e consideram-n'o como um castigo do céu.

Releva antes de tudo notar que a falta de convicção sobre a existencia de deus, não importa a ausencia absoluta de religião. Basta em apoio desta verdade lembrar o facto da religião ultimamente creada na França, a fallada religião da humanidade, aliás com forma exterior de culto e que é uma verdadeira religião sem deus. Depois a maneira porque entendemos aqui a palavra religião exclue inteiramente esse ponto de vista. Quando, portanto, se falla de suicidio do atheu, esta expressão para nós não tem a mesma significação que esta outra—suicidio do homem sem religião. O atheu pode ter uma religião muito pura, do mesmo modo que muita gente que vive todo o dia a resar e a fazer penitencia nos templos pode ser absolutamente sem religião.

Esta consideração nos dispensa de toda e qualquer discussão sobre o caso figurado. Todavia é sempre bom lembrar o seguinte: o suicidio quando não signifique outra coisa, pelo menos revela sempre um conflicto excepcional de paixões antagonicas, muita miseria ou muita loucura, grandes aspirações ou grandes receios, desejos que morreram sem que os alimentasse o sopro da mais ligeira esperanza, paixões suffocadas ao embate terrivel da adversidade, idéas extraordinarias que abateram o vigor do espirito e revolveram as profundezas da alma. Em todos os casos o suicidio revela sempre um character energico.

Uma combinação admiravel de elementos variados dirige os movimentos da communhão social. Todas as manifestações o espirito humano, o que ha de grande e o que ha de pequeno, todas as aspirações e todos os desejos, desde o heroismo até a brutalidade, desde a paixão que eleva até o interesse cego

que deprava, desde o amor até a deshumanidade, tudo tem a sua significação, tudo se manifesta e exerce a sua missão no mecanismo da vida.

Em uma sociedade pequena não se pode ter desse facto uma compreensão sufficientemente clara. A vida é ahí muito simples, os desejos sem grande vigor, as paixões sem intensidade; é raro um sentimento capaz de abalar os arcanos da organização e produzir a cegueira do espirito, como frequentemente se observa nos grandes centros populosos.

Alem d'isso a sociedade é quasi sempre injusta. Sente-se o menor arranhão em nosso corpo e entretanto não se enxerga a ferida cruel que vaé consumindo as carnes de um outro.

Todos querem ser tratados com distincção, cada um ambiciona o respeito, o prazer e a felicidade e entretanto não se ouve os gemidos de um desgraçado que a sorte abandonou à miséria.

—Que importa a sua ruina? dizem. Foi um bruto que se matou a si proprio e que por consequencia era capaz de matar o genero humano.

Contudo, ninguem passará com indiferença absoluta pelo cadaver de um suicida. E' lei invencível respeitar o infortunio, admirar o excepcional.

Emquanto não tiver desaparecido o ultimo vestigio dos sentimentos de humanidade, enquanto existir no coração do homem algum resto de compaixão, ter-se-á de experimentar alguma coisa alem da simples indiferença em face dos espectaculos desta natureza. Demais os proprios brutos revelam experimentar algum sentimento, alguma excitação mais que puramente animal em face da morte.

Isto torna-se ainda mais saliente quando a morte foi o resultado de um suicidio. Não se pode comprehender o suicidio senão da parte daquelle que soffre. O suicidio sem soffrimento é inadmissível porque não se comprehende que se desponha a acabar com a vida quem vive gosando. O homem, portanto, só pode resolver-se ao suicidio quando uma grande dor o feriu no que ha de mais elevado, quando circumstancias extraordinarias o fizeram convencer-se de que a vida é um mal irremediável. O suicidio é, pois, a mais elevada manifestação do desespero, o mais alto grau de dor.

Vê-se deste modo que a doutrina daquelle que consideram o suicidio do atheu como um castigo do céo, é não somente absurda, porem extremamente cruel. E', pois, inutil analysar semelhante doutrina, que demais suppõe a acceitação de tanta superstição ha por ahí nas camadas menos cultas da sociedade, co-

mo sejam as creuças em milagres, em resas e em castigos supra-terrestres.

Consideremos, pois, a doutrina daquelle que attribuem o suicidio do atheu ao vacuo deixado no espirito pela ausencia de religião.

Estamos em frente a umá theoria mais elevada e mais racional. Podemos discutir oppondo factos a factos, idéas a idéas, sem ser necessario entrar no terreno da investigação theologica e explorar o dominio das causas sobrenaturaes.

Já não se suppõe mais que uma ventade suprema, revoltando-se contra o atheu pela sua ousadia, resolveu vingar-se determinando-o para o suicidio. Considera-se que com a extincção da convicção religiosa, dá-se no espirito uma grande revolução: essa revolução vaé ter no desequilibrio e esse desequilibrio na morte.

Não vacillamos em afirmar que essa doutrina não é inteiramente sem fundamento; mas é necessaria exprimir-a de uma maneira mais ampla.

Não é propriamente a falta de religião (no sentido restricto em que empregamos agora esta palavra) que poderá levar muitas vezes o homem ao suicidio, porem uma coisa mais geral e mais comprehensiva, isto é, a falta de convicções formadas: tal é o ponto a que pretendiamos chegar.

Não foi sem algum proposito que começamos tratando do Dr. Facó, de Joaquim de Souza e Childerico Faria. Alem das qualidades notaveis de que eram dotados, cada um delles offerece um curiosissimo objecto de estudo. Poderia-se entrar em longas considerações a proposito de cada um d'elles.

Quanto a Joaquim de Souza, cujos versos são bem conhecidos em nossa provincia e revelam um grande vigor de imaginação, pensamos que o seu suicidio foi o resultado de uma exageradissima exaltação romantica que tocava aos limites da loucura. O moço poeta deixou-se arrastar por alguma paixão que circumstancias fataes tiveram de suffocar, e seu genio amante do excepcional, deixou-se levar pela onda da eschola satanica. Fechou-se diante de seu espirito o céo que elle via sempre brilhante na quadra mais luminosa de sua vida infantil. Logo tornou-se um espirito que vagava nas navens sem direcção e sem base.

Quanto aos outros é para crer-se que o seu suicidio fosse o resultado de circumstancias excercionaes de sua vida. Tiveram de lutar contra a fatalidade. A vida se lhes afigurou como uma serie de males e não se sentiram com forças para atravessar o abyssmo.

Ha casos em que com effeito a morte parece «uma libertação.» Fa-

có e Childerico Faria pensavam talvez deste modo. Foram duas aguias a que faltou espaço para voar: foram procurar com a morte a luz de que precisavam.

O que, porem, fóra de duvida é que a causa principal da sua morte foi esta: a fallade um idéal, a falta de uma convicção. As almas vulgares podem viver, como vivem os brutos, unicamente para comer e dormir. Com as intelligencias esclarecidas, porem, não acontece o mesmo: precisa-se de uma outra coisa alem da satisfação destas necessidades que constituem propriamente a vida material: precisa-se de satisfazer as necessidades do espirito, precisa-se de conhecimento e de amor.

O bruto satisfaz a sua necessidade como uma torrente que desce do alto, dirige-se ao ponto que tem em vista e para que chegue até lá, é indifferente que só tenha de caminhar pelas trevas. As almas de elite querem a luz: o ponto a que se dirigem fica no alto, é preciso subir. D'ahi a dificuldade e a lucta.

Sabe-se que Facó e Childerico Faria haviam rompido contra as velhas idéas tradicionaes que todos bebemos no berço. Não tinham medo do inferno, mas tambem não acreditavam no céo. Si a vida lhes tivesse corrido sempre bem, sem duvida não teriam procurado refugiar-se na morte.

O goso não acostuma a amar a vida e a repugnar a morte. Não aconteceu porem assim. Tiveram de ver-se collocados em situações mui difficeis. Então tem-se necessidade de uma convicção que nos possa dar força: era o que lhes faltava.

Nenhum homem de espirito esclarecido poderá viver sem uma convicção que possa fortalecel-o e guial-o atravez das grandes difficuldades da vida. A esta convicção, isto é, ao fundo de nós mesmos, ao modo porque concebemos as cousas e encaramos as condições de nossa existencia, devendo promover o desenvolvimento deste ou d'aquelle principio, trabalhando pela realisação d'esta ou d'aquelle idéa, é que em sentido geral chamamos religião. Pelo menos na occasião da lucta, quando nos achamos collocados em uma situação complicada e difficil, sendo preciso remover obstaculos insuperaveis, é ella indispensavel, e quando faltar-nos em condições desta ordem com toda a segurança poder-se-á afirmar: está tudo perdido.

Tal foi a religião que faltou ao Dr. Facó, a Joaquim de Souza e a Childerico Faria. Em verdade não se comprehende que um homem que tem uma comprehensão racional da marcha das cousas para recorrer ao suicidio como meio de salvação. O suicidio é o desespero e a immobidade; a natureza só nos inspira

esperança e acção. Por mais desesperadas que sejam as condições em que nos achemos collocados, por mais difficil que seja a nossa situação, desde que pomos de parte as nossas misurias e consideramos a magestade infinita do espectáculo que se desenrola diante de nós, é impossivel deixar de readquirir confiança. De nada somos autores, de nada somos culpados. As cousas se movem indefinidamente através de nós e a nossa influencia sobre a marcha dos acontecimentos é inteiramente passiva. Aquillo mesmo a que chamamos nossa actividade é determinado por causas desconhecidas.

Neste caso a revolta é não somente um absurdo, porem, mesmo um acto de verdadeira loucura. Devemos aceitar a natureza como ella é. Demais toda a revolta, mesmo a do suicidio é inutil, porque o suicidio anniquila o individuo, mas não anniquila a especie: e suicidando-se o homem entrega-se como que a uma especie de explosão, mas os estilhaços do corpo ficam sempre sujeitos á dor: tal é a consequencia inevitavel da theoria palingenetica renovada por Shope-thauer.

R. DE FARIAS BRITTO.

(Continúa)

LYRICAS

III

Lá das infindas regiões
Chovia o deslumbramento
Do luar brando alvacento,
E as louras constellações,

Pintavam, n'esse momento,
Milhares de corações
Jorrando scintillações
No seio do firmamento.

Uma estrella acompanhava
A lua que divagava
Tão luminosa e tão nua...

E eu dizia, oh minha bella,
Que minh'alma era essa estrella
É que tua alma era a lua !...

IV

Hontem perguntou-me a aurora:
"Daquella que tanto ria
Porque sinou-se a alegria?
Porque não ri como out'ora?"

Transformou-se a voz sonora
Das aves, n'uma elegia;
A bonina anda sombria,
E todo o jardim descora...

Nas noutes pesadumbrosas

As dhalias, jasmins e rosas
Soltam soluços sem fim. ."

Vês, filha? a tua tristeza
Entristece a natureza
E me desespera a mim!

ANTONIO SALLES.

BARÕES ASSINALADOS

Abre Camões o seu poema,
compromettendo-se logo nas
duas primeiras estancias do
1.º Canto a cantar, espalhando
por toda a parte, se a tanto
lhe ajudasse o engenho e
arte,—as armas e os «Barões
assinalados».

De que desempenhou-se
bem desse formal e patriotico
compromisso, a memoravel
festa do *Tricentenario*
de o mais esplendido documento,
afirmando a immortalidade
em que vive aquelle, de quem
Garrett já dizia que não era
uma litteratura, mas uma
nacionalidade.—

Aquella cuja lyra sonora
Será mais affamada que ditosa.

O que queremos investigar
agora é quem foram esses
«Barões assinalados»; si
reaes *titulares* ou apenas—
peitos illustres lusitanos,
que por obras valorosas se
foram da lei da morte libertando.

Os nomes proprios desses
peitos illustres lusitanos o
Poeta os declina em epicos
versos, que nos dão logo a
tentação de repetil os:—

..... vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal ser-
(viço;
Hum Egas, e hum Fuas, que de Ho-
(mero
A cithara para elles só cubiço.

Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Ma-
(grico:

Dou-vos tambem aquelle illustre
(Gama,

Que para si de Eneas toma a fama.

—
Pois se, a troco de Carlos, Rei de
(França,

Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Alfonso; cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segu-

(rança
Deixou co'a a grande, e prospera
(victoria:

Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Alfonso e o ter-
(ceiro.

—
Nem deixarão meus versos esque-
(cidos

Aquelles que no reino lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos.
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo e os temi-

(dos
Almeidas, por quem sempre o Tejo
(chora:

Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a
morte.

São esses os «Barões assinalados»,
de quem o grande Epico no decurso
do seu poema nos vae dando noticia:—

No Canto 7, Estancia 33:—

Famas móres, que nunca de-
(terminam,
De dar a estes «Barões» o
(mar profundo

No Canto 9, Estancia 22:—

Alli quer que as aquaticas
(donzellas
Esperam os fortissimos «Ba-
(rões».

Na Estancia 65:—

Que vista dos «Barões» a fere-
(sa incerta
Se fizessem primeiro deseja-
(dos.

Na Estancia 71:—

Não eram senão premios, que re-
(parte
Por feitos immortaes, e soberanos,
O mundo co'os «Barões», que esfor-
(ço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos,

No Canto 10, Estancia 7:—

Com doce vez está subindo
(ao céu

Altos «Barões», que estão por
(vir ao mundo.

Particularisando, refere-se o Poéta a Vasco da Gama no mesmo Canto X, Estancia 76:—

Faz-te mercê, «Barão»; a Sapiencia Suprema, de co'os olhos corporaes Veres o que não pode a vã sciencia Dos errados, e miseros mortaes!

Mas, quer refira-se a todos os peitos illustres lusitanos a quem Neptuno e Marte obedeceram, quer individualmente ao Gama, quiz por ventura o Poéta dizer que elles todos ou, pelo menos, este só, foram «barões» de decreto, como ainda o são os de hoje?

De nenhuma forma, e pelas seguintes razões, que vamos synthetisar:

PRIMEIRA—Camões que, no conceito Sotero dos Reis, foi o melhor traductor de Virgilio, paraphrasêou nas duas citadas Estancias do seu primeiro Canto os primeiros versos de «Eneida»:—

Arma, «virumque» cano Trojæ qui
(primus ab oris
Italiam, fato profugus, Lavinaque
(venit

Littora:.....

—..... de Marte ora as horriveis
Armas canto e o «varão» que, exul
(de Troia,

Primeiro os fados profugos aporta-
(ra

Na Hesperica Lavino.

Camões, com o engenho e arte promettidos, tradusio o «virum» de Virgilio por «Barões», alterando-lhe a forma, não a essencia; e nem disto se lhe pode notar falta alguma; pois elle já havia posto na boca de Venus esta verdade dita a Jupiter, a respeito da lingua portugueza:—

..... na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a
(Latina.

SEGUNDA—Porque Durão, que no seu poêma «Caramu-

rú» foi para os «Lusiadas» o que este foi para a «Eneida», e esta para a «Illiada», também na 1.ª Estancia do 1.º Canto, não deo ao «virum» do Poéta Mantuano outra interpretação:—

De um «varão» em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do occi-
(dente

Descubrio o Reconcavo afamado
Da capital brazilica potente;
Do filho do trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gen-
(te:

O valor «cantarei» na adversa sorte,
Pois só conheço heróe quem nella é
(forte.

Tanto na «Eneida» como no «Caramurú» ha só um heróe para ser cantado; nos «Lusiadas» porem—muitos E' a unica differença substancial.

TERCEIRA—Porque tanto é assim que a S. Thomé também chama o Epico Portuguez—«barão» sagrado:

Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e benditas
do corpo de Thomé, «barão» sagra-
(do,

Que a Jesus Christo teve a mão no
(lado.

Ora, que S. Thomé era simplesmente um miseromissionario é o mesmo Poeta quem nos ensina:

Thomé vinha «pregando, e já
(passara
Provincias mil do mundo, que
(ensinara.

QUARTA—Porque finalmente nenhum dos «Barões assinalados» de Camões foi effectivamente «titular».

Apenas Vasco da Gama foi-o, si é que se pode sel-o sem querel-o nem acceital-o de facto.

Nomeou-o El-Rei D. João 3.º, não «Barão», que nunca o foi, porem Conde de Vidigueira; mas o heróe recusou-se

a principio a acceitar a graça real, allegando não ter solar. Conferio-lh'o generosamente o Duque D. Jayme de Bragança; o titulo então foi acceite, mas não usado.

Ora, si recusou Condado quanto mais Baronato!

Raros saberão desta particularidade da vida do grande homem si não tiverem lido Latino Coelho, «Vasco da Gama», Pag. 323 e 324.

Os «Barões assinalados» de Camões não entraram por tanto, na ordem nobiliarchica official: não pagaram direitos ao Erario Real, como então se chamava o Thesouro Nacional, nem fizeram parade nos cortejos e festas reaes.

Todo seu merito consistio em seirem tão sómente dalei da mortelibertando por obras valorosas, repetindo com o seo immortal Cantor:—

Porque essas honras vãs, esse ouro
(puro

Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Do que possuil-os, semos merecer.

Corresponde o termo «Barões» não só ao «virum», varão, como ao «Pater» Eneas do mesmo Epico Mantuano:—

Jam «Pater» Eneas, et jam Trojana
(juventus
Convenient, stratoque super dis-
(cumbitur ostro.

Este «Pater», explicado pelos mestres da lingua, não tem a significação de «Pai»: é um nome honorifico, que quer dizer quasi sempre «augusto», «veneravel», e tanto se applica aos deoses como aos homens. Alguas vezes também significa «heróe», e é principalmente neste sentido que se deve entender «Pater» Eneas, que se encontra muitas vezes na «Eneida».

(«Les Auteurs Latines», «Par Uno Societé de Professeurs et de Latinistes», P. 89.)

Nos «Lusiadas»--«Barões», conseguintemente, significa na substancia—«varões» ou «herões», a cujo respeito o Padre Poderoso se pronunciára á queixosa Deosa dos Amores deste modo edificante :—

Que eu vos prometto, filha, que ve-
(jais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Nem pareçaq', depois disto, na orthographia do Epico Portuguez haja talvez troca do «v» pelo «b», como fazem os naturaes das Ilhas.

Só pensal-o é injuria áquelle grande genio. Camões falava e escrevia suavemente a nossa lingua. Em casos mesmos em que os mais puristas toleram a troca, elle não a admittia, como por ex. : em «assoviar», quando a orthographia mais commum é «s-sobiar», como se pode ver em Moraes, Aulete e até em João de Deus. E' assim que escreve :—

Na Estancia 89 do Canto 1.º. —

A plumblea pella mata o bra-
(do espanta,
Ferido o ar retumba, e «asso-
(via) :

Na Estancia 98 do Canto 6 :—

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledto inteiro,
Para o pelo do ardente, que "asso-
(via",
E leva a perna ou braço ao compa-
nheiro.

Esses «Barões» serão a todo tempo os «Barões da frente», cantados em lindos versos por J. Bonifacio, cantando Andrade Neves, Barão do Triumpho :—

Foste o primeiro, sim! Alli teo vulto
A muralha de ferro ergueu fremente!
Já não tarda o porvir; as trevas fo-
(gem !...

"Serás entre os barões"--barão da
(frente !

Barão da frente... é o grito da justiça,
Ha de sel-o tambem da historia um
(dia !

Repetem-no ao sussurro da tormen-
(ta,

"O som do mar e a voz" da ventania !

Vem de cima o murmurio... é sobre
(as ondas

Que a grandeza de Deus brilha sem
(véo !

Eis surge o infinito, a terra some-se,
A estrella beija o mar, e a espuma o
(céo.

Em todo o caso o «Barão», tal qual concebeu o vasto engenho e arte de Camões, não era o «Barão» descripto pela Princeza Ratazzi no seo «Portugal a vol d'osseau»:—Barão da «Hervilha», de «Freixo de Espada a Cinta» & &; e muito menos da tão insuspeita como real pintura, não mais de uma estrangeira embora illustre, mas de um peito illustre lusitano »pur sang».

Queremos-nos referir a Palmeirim na sua «Galeria das Figuras, Pag. 30 :—

« Como é que o marçano de duas décadas atrás, soube apanhar de salto o diploma nobiliario, e pôr quasi em seguida o confronto audaz a cutis gretada e pardacenta com a alvura dos arminhos do mano senatorio ? E' discreta a curiosidade da pergunta. O barão não é completamente um parvo como a principio se acreditou, quando os primeiros ministerios constitucionaes punham o typo em circulação, a troco de um emprestimo feito com usura ao governo, ou da compra urgente, mas ainda tão arriscada, dos bens dos conventos. Simplesmente ignorante e sinceramente fatuo, o barão não nasceu como o

poéta, nem se fez orador : deixou-se fazer como uma necessidade do thesouro publico, sabendo que ia arcar com os sarcasmos dos jornalistas, e substituir no theatro a reproducção estafada dos melhores typos de farça nacional...

« Em familia, o barão desfilava a mascara, e apparece na rustica nudez dos tempos em que jogava o gamão na botica, e punha a mira de todos os seus desejos em figurar na procissão do Corpus de Deus como vereador municipal.....

« E' ainda pelo joanete sem fórmageometrica conhecida, que o barão denuncia as torturas por que passou, ao querer ageitar um pé desenvolvido em liberdade ás barbaras exigencias de um bute de polimento. »

Grandeur passée,
Gloire eclipsée,
Quantum ille
Mutatus ab illo !

Felizmente, no Brazil, ainda não attingimos á essa decadencia morbida dos titulos nobiliarchicos

O cavalheiro honrado, que tiver nobilitado seo nome para si, sua familia, e seo torrão natal, pode desvanecer-se de trocal-o pelo que lhe conferir a munificencia imperial do augusto Imperante ou da serenissima Regente, em remuneração tambem de obras valerosas.

Como os de Camões muitos, ainda quando não passem alem da Taprobana, conquistarão com certeza o favor publico, e honrarão seo tempo com o respeito dos proprios maldizentes

PAULINO NOGUEIRA.

Historia Natural

REPRODUCCÃO DOS VEGETAES.

Estava em meu gabinete de estudo e não presente quando entrou minha companheira.

—Meio dia, meu amigo, e ainda isolado no gabinete!

—Protesto.

E continui a ler.

—Olha o relógio, te esqueces de mim e do estomago, e depois dizes que nasceste dyspeptico! E continuas como se estivesse só! acorda!—disse batendo-me levemente no hombro.

—Protesto, passei toda amanhã a conversar com Duchartre. Quando recolho-me ao gabinete estou menos isolado do que na rua mais publica da Fortaleza. Converso com Trosseau, Sachs, Richard, Claus, Van Tieghem e muitos outros homens illustres por seu talento e saber.

—Prolongas o tempo do estudo com prejuizo da saude. Tens o livro ainda aberto! quererás continuar? Deixa para amanhã o resto, pede desculpa ao Sr. Duchartre,—e fechou-me o livro com agilidade e graça.

—Costumo obedecer-te, mas para que me vieste interromper?

—E achas cedo! não almoças hoje?

—Não tenho fome e supponho que nem estomago.

—Mas tens dyspepsia, que é alimentada pelas conversações prolongadas com estes senhores que estão sentados sobre as prateleiras das estantes. E depois nasceste dyspeptico!...

—Se soubesses o assumpto da conversação com Duchartre! Instructivo e delectante. Aposto que estás curiosa de saber. As flores de que tanto gostas, e seus amores, occu-

param-nos até agora. E' interessantissima essa phase da sua vida.

Quando distantes, as auras e as borboletas são os mensageiros de seus amores,

Ella interessou-se pelo assumpto e curiosa sentou-se junto á banca, perto de mim.

—Então disse-te o naturalista couzas interessantes sobre as flores?

—Contou-me como se amam e reproduzem. Os vegetaes, como sabes, vivem dos alimentos que suas raizes, folhas e haste tiram da terra e do atmosphérico. Têm, como nós, infancia, adolescencia, virilidade e decrepitude. Na primeira idade são elles fracos como as creanças; embora tenha o vegetal de ser, quando adulto, um gigante pelo porte e um Hercules pela força de seus tecidos. Este oitiseiro que se eleva sobre o tecto de uma casa, quando recém-nascido teria morrido si fosse tocado por uma forte rajada. As plantas crescem alimentadas pelos orgams da nutrição, apenas as folhas ornam-lhes as hastese os ramos. Passado o periodo infantil a adolescencia se annuncia. Os orgams adquirem mais vigor e desenvolvimento e a planta prepara-se para entrar em uma phase nova de vida.

Olhos foliaceos brotam coloridos de um verde mais vivo, mais bello, annunciando que o vegetal em breve poderá preencher os fins para que foi creado, será apto para a união conjugal. Novos orgams se desenvolvem então na axilla das flores ou terminando os ramos, mas de forma e colorido differente e muitas de perfume suave e exquisito: são as flores ou orgams da reprodução.

Os colibris, as borboletas,

os dourados coleopteros vêm então saudar a adolescente, a noiva, que vestida de corolla branca ou multicolor mostrase vaidosa de sua belleza, de seus perfumes. O *peryantho*, formado dos involucros floraes externos, calice e corolla, é o leito nupcial onde a natureza quiz occultar os amores das flores, em algumas especies. Muitas ha menos favorecidas pela creação, sem um cortinado, sem um véo que occulte os beijos conjugaes.

—Isso nas flores hermaphroditas, não é assim?

—Certamente. O noivado, a lua de mel, os seus amores duram horas apenas! No dia de nupcias pela manhã, sem ter tido infancia, os noivos despertam em seu leito nupcial, estreitam-se nos mais affectuosos amplexos e á tarde quando o sol vai para o occaso termina-se aquelle idyllio, a morte os leva, o leito vasio as brisas desmancham e atiram ao chão, mas o fructo de seus amores fica, permanece o germen, a semente que a planta nutrirá para mais tarde perpetuar o nome de seus progenitores. Ha flores hermaphroditas entretanto cujos amores são curiosos. A corolla gamopetala muito irregular forma por assim dizer duas alcovas que se comunicam por uma estreita porta, e são habitadas uma pelo estamão e outra pelo pistillo.

Completamente separados seriam estereis os seus amores. se os insectos, alados mensageiros, procurando sugar o nectar das bodas, gulosos e indiscretos, não penetrassem nos aposentos conjugaes. Então o pequeno coleoptero passando pelo quarto do noivo leva em suas azas, em suas patas o dourado pollen, depois penetrando na segunda alcova avido do nectar das bodas,

vai sugal-o e enquanto ingere o pó fecundante, cahe sobre o *estigma* do pistillo e dá-se a fecundação. Em outras especies, pela posição dos orgams sexuaes, o acto não poder.a ser completado si o vento e os insectos não se encarregassem de tirar da *anthera* a pollen e este obedecendo as leis do peso não fosse cahir sobre o *estigma*.

—E o pollen assim l vado pelas lufadas do vento, n'esse movimento rapido, pode ser retido e permanecerá até que seja absorvido ?

—A natureza tudo preveniu.

O nectar das bodas de que te fallei e que os insectos avidos procuram sugar, tem um tim duplo.

Executado pelos nectarios, humedecem a superficie do *estigma* e quando o pollen impellido por qualquer força cahe sobre elle, fica retido até que o acto seja consumado.

Elle prende os grão pollinicos e attrahe os pequenos seres quando ha necessidade de um vehiculo que não seja o vento.

Ainda em outras especies dá-se a fecundação sem o concurso do vento e dos insectos. Um movimento dos orgams sexuaes os une e o pollen chega ao *estigma*. Isso eu já observei. na flor do maracujá.

—E não me fallaste em plantas cujas flores são *unisexuadas* ?

—Sim. as *monoicas*. N'essas a fecundação só pode ter logar com o concurso de forças extranhas. Na *curcubitea*. o melão, que já conheces, como chegaria o pollen ao *estigma*, si o vento, os insectos não servissem de vehiculo ? E' verdade que a distancia a vencer é pouca, pois as flores masculinas e femininas estão no mesmo individuo.

—E nas plantas *dioicas* ?

—N'essas é mais difficil, pois cada planta deita flores de um só sexo.

—E como se reproduzem ?

—Ainda a natureza servindo-se dos insectos ou do vento leva o pó fecundante a grandes distancias. Duchartre cita o facto de uma planta *dioica*, uma tamareira cultivada em Otrante cuja esterilidade era notoria. Passaram-se longos annos sem que ninguem visse vingar uma tamara, aquelles pistillos produzirem um fructo ! Um bello dia a palmeira tornou-se fecunda, e um grande cacho de fructos vigorosos a todos sorprehende.

Procuraram a causa e descobriram que na mesma epocha em Brindes, distante 60 kilometros de Otrante uma tamareira masculina havia tido a sua inflorescencia. A fecundação das plantas aquaticas unisexuadas é tambem muito curiosa. Maout et Decaisne tratando d'ella falla da *Vallisneria spiralis, dioica*, que vive submergida nas aguas estagnadas dos lagos da França meridional. Na epocha da inflorescencia da planta feminina sahe um longo pedunculo terminado por uma *spatha*, a qual envolve flores pestilladas, e vai ter á superficie d'agua.

A *dioica* masculina, que vegetava tambem n'aquelle sitio, floresce, um pedunculo curto sahe do centro das folhas, sustentando uma espiga de flores estaminadas e protegidas tambem por uma *spatha*. O pedunculo fica entretanto muito abaixo da superficie livre das aguas e cessando o seu crescimento nunca alcançará a athmosfera onde as flores pestilladas gosam da luz do sol pela vez primeira.

Assim separadas sua união

seria impossivel si a natureza não fosse omnisciente.

Chegado o dia de nupsias, marcado pela creação, abre-se a *spatha* feminina, as flores cahem e boiam á tona d'agua ao mesmo tempo que as flores estaminadas até então submergidas e sem esperanças de mensageiros, o vento ou os insectos, por um movimento brusco, como ordenado pela vontade, desprendem-se da espiga e vêm á superficie d'agua.

Começa então a festa nupsial. Parecem sentir ! Não é um vagar a tóa á fase liza do lago, não, parece que os seus movimentos estão subordinados á vontade e não a uma força inconsciente como o vento !

E vagam até que se encontrem ; obedecendo então ás leis naturaes, ao atavismo, as *antheras* que fecharam hermeticamente em seu seio o dourado pollen, avaras de seu thesouro, abrem-se, e por um movimento de elasticidade projectam uma chuva de grãos pollinicos sobre os *estigmas* das flores pistilladas. Poucas horas depois estão terminadas as bodas. As flores femininas dobrando-se em espiral, dizem adeus ao dia, despedem-se da luz e submergem-se ; vão ao fundo do lago e ahi ficam até que o embrião que levam no seio, o germen que resultou da fecundação, germine, cresça, muitas vezes ao lado da planta mãe. As flores estaminadas mortas ou adormecidas vagam agora a tóa a mercê das correntes ou do vento. Agora tens noções da reprodução das planerogamas.

—E os cogumelas, nos quaes nunca vi flores, como se reproduzem ?

—Os cogumelos, os fetos, as licopodeaceas, as algas e

inumeros outros pertencem ás *cryptogamas* ou plantas cujos orgams da reproducção são invisiveis. Por muito tempo se acreditou que os vegetaes não tinham flores e que sua reproducção era espontanea.

O microscopio trouxe a luz a essa questão e a sciencia que dizia antigamente:—*cryptogamas ou plantas sem orgams da reproducção*, diz hoje:—*cryptogamas ou vegetaes cujos orgams de reproducção são invisiveis*.

—Os vegetaes nem sempre precisam de orgams reproductores para se multiplicarem. Tu mandas reproduzir a mandioca no roçado sem precisar de semente, do mesmo modo que eu faço as roseiras se reproduzirem no jardim. Assim as *cryptogamas* podem estar todas n'esse caso.

—E' justamente com relação a esses que a tua objecção não aproveita. A reproducção é natural ou artificial. Natural quando é feita pela semente, artificial quando o homem a promove por meio da *estaca*, do *enxerto* e da *mergulhia*.

A reproducção artificial entretanto só pode ser promovida nas *phanerogamas* lenhizas e as *cryptogamas* são plantas herbaceas. Tu fazes reproduzir a rezina artificialmente, mas te garanto que não farias o cogumulo.

As *cryptogamas* chamam-se tambem *acotyledoneas* ou sem cotyledons, e *agamas* ou privadas de orgams sexuaes se reproduzindo naturalmente.

Têm ellas orgams sexuaes que o microscopio torna visiveis e a physiologia vegetal estuda as funcções. Nas *phanerogamas* são elles o *estame*, o *pistillo* e o *pollen* ou materia fecundante; nas *cryptogamas* é a *antheridea* o orgam masculino, *archegono* o or-

gam feminino, e *antherosoide* a materia fecundante.

A *antheridea* guarda o *antherozoide*, como a *anthera* guarda o *pollen* cujo principio gerado chama-se *fovilla* nas *phanerogamas*.

O *archegono* é o pistillo das *cryptogamas*, tem ovario que é chama *sporangio* dentro do qual estão *ovulos* ou *esporas*. O *antherozoide* não é como a *fovilla* sem movimento, elle tem cilios vibrateis, faz evoluções como os animaes infuzorios, e penetrando no *archegono* vai ter ao *sporangio* e os *esporos* são fecundados. Depois os *esporos* ou as sementes das *acotylidoneas* germinam e assim se reproduzem os *cryptogamas*.

—E a germinação das sementes não precisa do concurso de certos agentes naturaes?

—Calor, luz, agua e o ar atmosphérico. Sem esses elementos o embrião não se desenvolveria. Toma um grão de milho e põe a germinar onde falte algum d'aquelles elementos, que em balde esperarás que a radícula se desenvolva, que a hasticula cresça. Se entretanto as condições que se achar a semente forem favoraveis à germinação ella se dará e então uma porção de vegetal penetra no solo e cresce na atmosphera. O vento, os animaes, o homem são os semeiadores das especies vegetaes.

As aves levam as vezes a logares inacessiveis, sitios ermos a semente de uma planta cultivada e onde o homem nunca passou. Esta parte da botanica, isso é, a descripção dos vegetaes espalhados a superficie do globo chama-se *geographia botanica*.

—Deve ser interessante.

—Sim, e estaria prompta a ouvir-a embora o estomago

fosse esquecido.

Mais de uma hora da tarde! Me censuraste e cabiste na mesma falta! O estomago, minha amiga, o estomago...

—Mas o senhor Duchartre sabe novidades que delectam tanto!...

—A sala de jantar, e offerecendo-lhe o braço fimos para a meza.

Alto da Bonança, Julho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartieras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

o
CAFE' JAVA
Manoel Pereira dos Santos.

Motta Vieira & C.^a

88—M.ajor Facundo—88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.